

RICHARD
PAUL EVANS
O ENCONTRO

Amcostra



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

CAPÍTULO

Um

Amostra



“Acima de tudo, não perca seu desejo de caminhar.

*Não conheço nenhum pensamento
ou fardo pesado do qual não se possa
sair andando.” — Kierkegaard*

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

Reza a lenda que, uma vez que a areia de Key West penetre em seus sapatos, você não pode voltar para o lugar de onde veio. Para mim, é verdade. Estou sozinho na praia, observando o sol vermelho-sangue no golfo do México. E não há volta para o que deixei para trás.

O ar está impregnado com os aromas de água salgada e maresia, com o som das ondas quebrando e das gaivotas grasnando. Uma parte de mim se pergunta se isso pode ser um sonho e espera que eu acorde e descubra que ainda estou em Seattle e McKale está suavemente passando as unhas em minhas costas. Ela sussurraria: “Você está acordado, meu amor?”. Eu viraria para ela e diria: “Você não vai acreditar no que sonhei”.

Mas não é sonho. Caminhei por toda a extensão deste país. E a mulher que eu amo jamais voltará.

A água à minha frente é límpida e azul. Sinto a brisa crepuscular em meu rosto não barbeado, queimado de sol e fecho os olhos. Caminhei um longo trajeto para chegar aqui — mais de 5.500 quilômetros. Mas, de certa maneira, cheguei bem mais longe. Nem sempre as jornadas podem ser medidas pela distância física.

Tiro a mochila dos ombros e me sento na areia para desamarrar as botas. Conforme puxo as meias, o algodão puído, antes branco e agora cinza, está grudado à pele dos meus pés. Então, dou um passo à frente, na areia pontilhada de conchas, e espero que a onda volte e cubra meus pés. Tive centenas de horas para pensar nesse momento e deixo tudo me varrer: o vento, a água, passado e presente, o mundo que deixei para trás, pessoas e cidades ao longo do caminho. É difícil acreditar que finalmente estou aqui.

Depois de alguns minutos, volto e me sento de novo na areia, de pernas cruzadas, ao lado da minha mochila, e faço o que sempre faço em

momentos cruciais da minha vida: pego uma caneta, abro meu diário e começo a escrever.



O hábito de escrever começou há muito tempo — muito antes desse diário, bem antes dessa caminhada. No Natal em que eu tinha oito anos, minha mãe me deu meu primeiro diário. Era um livrinho com capa de vinil amarelo, com arabescos. O que eu mais gostava era da pequena chave e do fecho de bronze. Fazia com que eu sentisse a importância de ter algo em minha vida que precisasse ser guardado do mundo. Naquela noite de Natal, foi a primeira vez em que escrevi num diário. Como tinha cadeado e chave, calculei que só eu poderia lê-lo, portanto escrevi o primeiro registro para mim mesmo, hábito que passei a cultivar para toda a vida.

Prezado Alan,

Hoje é Natal. Ganhei robôs Rock 'Em Sock 'Em, um conjunto de walkie talkies e um doce em formato de peixinho vermelho que já comi. Minha mãe me deu este diário e disse que eu devo escrever todos os dias. Pedi que ela escrevesse na primeira página.

Meu querido filho,

Obrigada por me deixar escrever em seu livro especial. E Feliz Natal! Esse é um Natal muito especial. Algum dia você entenderá isso. De vez em quando, leia essas palavras e lembre-se do quanto eu te amo e sempre amarei.

Mamãe

Minha mãe diz que não importa o que eu escreva, pois, se eu esperar para escrever somente coisas importantes, provavelmente nunca escreverei nada porque coisas importantes se parecem com todas as outras coisas, exceto quando você olha para trás para vê-las. O negócio é escrever o que você estiver pensando e

sentindo. Minha mãe parecia bem hoje. Acho que logo ela estará melhor.

Eu escrevia com tanta frequência que a letra era quase ilegível. O registro da minha mãe foi um desses acontecimentos que ela mencionou, algo que não parece nada, exceto quando olho pelo retrovisor do tempo. Minha mãe morreu de câncer de mama, 49 dias depois que me deu o diário — no Dia de São Valentim, Dia dos Namorados.

Era bem cedo, antes do horário que eu costumava acordar para ir ao colégio, e meu pai me levou até seu quarto para vê-la. Na mesinha de cabeceira, ao lado da cama, havia uma única rosa amarela, num vaso solitário, e meu cartão feito à mão, com o desenho de um coração espetado por uma flecha. Seu corpo estava ali, mas ela não. Se estivesse, sorriria para mim e me chamaria. Teria elogiado meu desenho. Eu sabia que ela não estava ali.

Seguindo o jeito tipicamente impassível do meu pai, nunca falamos sobre sua morte. Nunca falávamos sobre sentimentos e as coisas que os originavam. Naquela manhã, ele fez o café e pusemos a mesa, ouvindo o silêncio. As pessoas da funerária vieram e partiram, e meu pai cuidou de tudo com a firmeza de uma transação de negócios. Não estou dizendo que ele não ligou. Ele simplesmente não sabia demonstrar seus sentimentos. Meu pai era assim. Nunca o beijei, nem uma única vez sequer. Ele simplesmente era assim.

A razão para começarmos as coisas raramente é a mesma para que continuemos.

Diário de Alan Christoffersen

Comecei a escrever em meu diário porque minha mãe me disse para fazê-lo. Depois da sua morte, continuei porque parar seria romper uma corrente que me ligava a ela. E, aos poucos, até isso mudou. Na época, não percebi, mas a razão para que eu escrevesse estava sempre mudando. Conforme fiquei mais velho, eu escrevia como prova da minha existência. Escrevo, logo existo.

Eu existo. Em cada um de nós há algo, de bom ou de ruim, que quer que o mundo saiba que existimos. Essa é minha história — meu testemunho de mim mesmo e a maior jornada da minha vida. Ela começou quando eu menos esperava. Numa época em que eu achava que nada poderia dar errado.

CAPÍTULO

Dois

Amostra



*O Jardim do Éden é um arquétipo para todos
que perderam, ou seja, toda a humanidade.*

Ter é perder, como viver é morrer.

*Ainda assim, eu invejo Adão. Embora tenha
perdido o Éden, ele ainda tinha sua Eva.*

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

Antes que meu mundo desabasse, eu era um executivo de propaganda em Seattle, embora tenha de admitir que o título seja ligeiramente pretensioso para alguém que decora seu escritório com pôsteres do Aquaman e do Einstein. Eu era um cara de propaganda. Você poderia me perguntar o que me levou a seguir essa carreira, mas eu realmente não saberia dizer. É apenas algo que sempre quis fazer. Talvez seja porque eu quisesse ser o Darrin, da *Feiticeira*. (Eu tinha uma queda pela Elizabeth Montgomer quando criança.) Em 1988, me formei na faculdade como designer gráfico e arranjei um emprego, antes mesmo de secar a tinta do meu diploma.

Prosperei no mundo da publicidade e me deleitei com a vida de um jovem astro em ascensão. Do tipo prodígio. Ganhei dois prêmios Addy no primeiro ano e quatro no ano seguinte. Então, depois de passar três anos enriquecendo meus chefes, eu segui o caminho preferido das agências de propaganda, escritórios de advocacia e religião organizada e parti para formar minha própria empresa. Eu tinha apenas 28 anos quando pregaram o nome da minha agência em letras de vinil na porta do meu escritório.

MADGIG

Propaganda e design gráfico

A empresa cresceu de dois empregados para uma dúzia em apenas nove semanas e eu estava fazendo mais dinheiro do que cambistas vendendo ingressos da Barbra Streisand. Um dos meus clientes me proclamou como garoto propaganda do sonho americano. Depois de dois anos, eu tinha toda a parafernália que o sucesso material poderia proporcionar: meu próprio negócio, um carro Lexus esportivo coupé, férias na Europa e uma casa linda, de quase dois milhões de dólares, em Bridle Trails — um bairro exclusivo e arborizado, ao norte de Bellevue, com um parque para cavalos e trilhas de montaria em vez de calçadas.

E, para completar esse quadro de sucesso, tinha uma esposa que adorava — uma beldade morena chamada McKale. Clientes potenciais me perguntavam se eu poderia vender seus produtos e eu mostrava a foto de McKale e dizia: “Eu fiz com que ela se casasse comigo”, e eles assentiam, perplexos, e me entregavam o negócio.

McKale era o amor da minha vida e, literalmente, a garota da porta ao lado. Eu a conheci quando tinha acabado de fazer nove anos, uns quatro meses depois que minha mãe morreu e meu pai se mudou do Colorado para Arcádia, na Califórnia.

Era o final do verão e McKale estava sentada sozinha, no quintal da frente, numa mesinha desmontável, vendendo suco Kool-Aid — mistura de suco em pó — em uma jarra de vidro. Ela vestia uma saia rosa curta, acima do joelho, e botas de caubói. Eu perguntei se podia ajudar e ela disse que não.

Subi correndo até meu quarto e desenhei um pôster de aviso dizendo:

Kold Kool-Aid
Apenas 10 centavos

(Achei que o K em Kold foi um belo toque.) Voltei e apresentei minha criação. Ela gostou da minha placa o suficiente para me deixar sentar a seu lado. Acho que realmente foi por isso que entrei no ramo da propaganda: para ganhar a garota. Nós conversamos e usamos copinhos descartáveis para beber seu elixir de cereja negra, pelo qual ela me fez pagar. Ela era linda. Tinha feições perfeitas: cabelos castanhos cor de café, sardas e olhos cor de calda de chocolate, que nem mesmo um cara de propaganda poderia promover excessivamente. Naquele verão, nós acabamos passando muito tempo juntos. Na verdade, todos os verões a partir dali.

Como eu, McKale não tinha irmãos. Ela também tinha passado por maus momentos. Seus pais haviam se divorciado uns dois meses antes de se mudarem para lá. Conforme a história que ela me contou não foi um divórcio habitual, mas precedido por muita gritaria e quebra-quebra. Sua mãe simplesmente partiu, deixando-a sozinha com seu pai, Sam. McKale estava sempre tentando entender o que teria dado errado, às vezes ela parava, como um computador travado, como quando você fica olhando a ampulheta girando, esperando que algo aconteça. É uma pena que humanos não venham com botões de reiniciar.



Nossos pedaços partidos se encaixavam. Nós compartilhávamos nossos segredos mais profundos, inseguranças, medos e, às vezes, nossos corações. Quando tinha dez anos, comecei a chamá-la de Mickey. Ela pareceu gostar. Foi no mesmo ano em que construímos uma casa na árvore, no quintal dos fundos da casa dela. Passávamos bastante tempo ali. Brincávamos de jogos de tabuleiros e até dormíamos de vez em quando. Quando ela fez onze anos, eu a encontrei sentada num canto, chorando histericamente. Quando conseguiu falar, ela disse:

— Como ela pôde me abandonar? Como pode uma mãe simplesmente fazer isso? — Ela limpou os olhos, zangada.

Eu não soube responder. Eu me perguntava a mesma coisa.

— Você tem sorte porque sua mãe morreu — disse ela.

Eu não gostei disso. — Tenho sorte por que minha mãe morreu?

Entre os soluços, ela explicou:

— Sua mãe teria ficado, se pudesse. Minha mãe escolheu me deixar. Ela ainda está por aí, em algum lugar. Gostaria que, em vez disso, ela tivesse morrido.

Eu me sentei a seu lado e a abracei. — Eu nunca vou te deixar.

Ela pousou a cabeça em meu ombro e disse: — Eu sei.

McKale foi meu guia para o mundo feminino. Uma vez, ela quis beijar, só para ver o que tinha de mais. Nós nos beijamos por uns cinco minutos. Eu gostei. Muito. Não tenho certeza se ela gostou, porque nunca mais pediu para fazer de novo, então não fizemos.

Conosco era assim. Se McKale não gostasse de alguma coisa, nós não fazíamos. Nunca consegui descobrir por que só ela fazia as regras, mas sempre as segui. Acabei concluindo que as coisas eram assim.

Ela era muito franca quanto a crescer sendo menina. Às vezes, eu lhe perguntava coisas e ela dizia: — Eu não sei. Isso também é novidade para mim.

Quando ela tinha treze anos, perguntei por que ela não tinha amigas.

Ela respondeu, como se tivesse pensado muito a respeito.

— Não gosto de meninas.

— Por quê?

— Não confio nelas. — Depois, acrescentou. — Gosto de cavalos.

McKale ia andar a cavalo quase toda semana. Ela sempre me convidada para ir, mas eu sempre dizia que estava ocupado. A verdade é que eu ficava

aterrorizado com os cavalos. Uma vez, quando eu tinha sete anos, meu pai, minha mãe e eu fomos a um rancho em Wyoming, chamado Juanita Hot Springs, nas férias de verão. No segundo dia, nós fomos andar a cavalo. Meu cavalo era um malhado chamado Cherokee. Eu nunca tinha montado, ficava agarrado à cela de couro com uma das mãos e segurava as rédeas com a outra, odiando cada minuto. Durante a montaria, alguns dos caubóis decidiram correr e meu cavalo resolveu ir com eles. Quando ele disparou, soltei as rédeas e fiquei segurando a saliência da cela, gritando por socorro. Felizmente, um dos caubóis voltou para me salvar, embora não conseguisse esconder seu desprezo pelo meu jeito de “menino urbano”. Tudo que ele disse foi: “Eu monto desde que tinha três anos”. Não era de surpreender que eu nunca tivesse compartilhado o amor de McKale pelos cavalos.



Fora os cavalos, nós estávamos quase sempre juntos, desde o ensino fundamental, passando por idades esquisitas, incluindo os anos de ensino médio. Aos quinze anos, McKale amadureceu fisicamente, e os meninos começaram a cercá-la como abelhas no mel. É claro que também notei essa mudança e aquilo me deixou maluco. Geralmente não se tem esse tipo de sentimento pela melhor amiga.

Eu ficava roxo de inveja. Não tinha chance contra aqueles caras. Eles tinham músculos. Eu tinha acne. Eles tinham carros potentes, eu, passe de ônibus. Eu era notoriamente um bolha.

O pai de McKale foi bastante liberal na sua criação, e, quando ele deixou que ela namorasse, no começo do segundo grau, ela mal conseguia acompanhar sua própria agenda social. Depois de seus encontros românticos, ela vinha até minha casa comentar, o que era como descrever um banquete para um homem faminto. Eu me lembro que depois de uma saída ela perguntou: — Por que os homens querem ter posse sobre as mulheres?

Eu sacudi a cabeça. — Eu não sei — respondi, quando queria tê-la mais que qualquer coisa no mundo.

A situação dela com os meninos era como um jogo de beisebol: alguém sempre estava pronto para rebater a bola, na primeira base, e algumas dúzias de caras aguardando no banco, todo mundo querendo marcar um ponto com minha melhor amiga. Eu me sentia mais como um vendedor ambulante de cachorro-quente, na arquibancada, do que como um jogador.

Às vezes, ela me pedia conselhos sobre um cara em particular, e eu lhe dava uma resposta que claramente servia para mim, e ela só me olhava com uma expressão engraçada. Eu ficava infeliz. Uma vez, ela me disse que, como eu era seu melhor amigo, quando ela se casasse eu teria de ser a madrinha da noiva, o que significava que eu teria que raspar as pernas e usar chiffon. Não sei se ela estava me torturando propositadamente ou se aquilo era espontâneo.

Aos dezesseis anos, as coisas mudaram. Eu dei uma espichada e subitamente o sexo oposto passou a se interessar por mim. Isso teve um efeito interessante em McKale. Embora ela se deleitasse em compartilhar os detalhes de seus encontros, nunca queria ouvir sobre os meus. Ela iniciou uma política de “não pergunte e não conte”. Eu me lembro de uma tarde de outono, quando duas garotas vieram me ver, enquanto McKale e eu estávamos conversando na varanda da frente da casa dela. Elas chegaram e se sentaram conosco. Uma delas tinha uma queda por mim, e ambas estavam pegando pesado na paquera. McKale entrou em casa como uma bala e bateu a porta.

— Qual é o problema dela? — uma das garotas perguntou.

— Ciúme — disse a outra. Eu me lembro de ter sentido uma ponta de esperança.

No entanto, se ela tinha sentimentos românticos com relação a mim, os escondia muito bem e, na maior parte do tempo, eu sofria em silêncio. E por um bom motivo. McKale era minha melhor amiga e não há meio melhor de arruinar uma amizade do que declarar seu amor a alguém e não ser recíproco. Felizmente, nunca tive de fazê-lo.

Num dia quente de junho — era meu aniversário de dezessete anos —, nós estávamos na rede no quintal dos fundos da casa dela, deitados em lados opostos, seus pezinhos miúdos ao lado do meu ombro. Nós balançávamos devagarzinho, para lá e para cá, discutindo sobre onde os Beatles estariam se não fosse por Yoko, quando ela subitamente disse:

— Você sabe que *nós vamos* nos casar algum dia.

Não sei de onde veio essa novidade. Só me lembro que um sorriso incrivelmente grande surgiu no meu rosto. Tentei agir com tranquilidade. — Você acha?

— Eu sei.

— Como você sabe?

— Porque você é tão loucamente apaixonado por mim, que nem consegue disfarçar.

Pareceu não fazer sentido negar. — Você notou?

— Aham — disse ela, de forma casual. — Todo mundo nota. Até o carteiro notou.

Eu me senti um imbecil.

A voz dela se abrandou. — E o negócio é que... eu sinto a mesma coisa por você.

Ela girou as pernas para o lado e se sentou, chegando o rosto bem perto do meu. Eu a olhei e ela estava me fitando com os olhos úmidos.

— Você sabe que eu te amo, não sabe? Eu nunca poderia viver sem você.

Provavelmente me senti como um ganhador da loteria quando anunciavam seus números premiados. Naquele momento, uma amizade de sete anos desapareceu e se transformou em outra coisa. Nós nos beijamos e dessa vez pude sentir que ela gostou. Esse seria o segundo melhor dia da minha vida. Nosso casamento foi o primeiro.

Tem um problema com o fato de se casar. Há sempre a preocupação de que um dia a pessoa verá como você realmente é e irá embora. Ou, pior, alguém melhor vai aparecer e levá-la. No meu caso não foi ninguém. E não foi algo melhor.

CAPÍTULO

Três

Amostra



*A apropriação do tempo é uma das maiores
tolices do ser humano. Dizemos a nós mesmos
que sempre há um amanhã, quando
podemos prever o amanhã tanto quanto
podemos prever o clima. A procrastinação
é o ladrão dos sonhos.*

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

McKale e eu nos casamos jovens, embora não parecesse naquela época. Provavelmente porque eu sentia que tinha esperado a minha vida toda para fazer aquilo. Compramos um apartamento em Pasadena, a apenas cerca de cinco quilômetros de onde crescemos. McKale conseguiu uma vaga como secretária de um pequeno escritório de advocacia e fui estudar no Art Center College of Design, a apenas uma viagem de ônibus da nossa casa.

Época boa. Tínhamos nossas discussões, mas que nunca chegavam a durar — todos os casamentos exigem ajustes. Como é que você pode magoar uma pessoa a quem ama mais do que a si mesmo? É como dar um soco na própria cabeça. Eu me tornei bom em me desculpar, embora ela geralmente me vencesse nisso. Às vezes, eu desconfiava que nós só brigávamos para nos divertir fazendo as pazes.

O assunto que mais discutíamos era quanto a ter filhos. McKale queria começar logo uma família. Eu era contra a ideia e como a logística e as finanças pareciam estar do meu lado, esse era um argumento que me favorecia.

— Ao menos, até eu terminar de estudar — eu dizia.

Assim que me formei na faculdade, arranjei meu primeiro emprego fixo e McKale tocou no assunto outra vez, mas, novamente, disse a ela que não estava pronto. Eu queria esperar até que a vida estivesse mais segura. Que tolo eu fui.



Eu trabalhei na Conan Cross Advertising por uns três anos antes de decidir abrir meu negócio, em outubro de 2005. Naquela mesma semana, comecei a fazer uma campanha de outdoors para me promover. O painel dizia o seguinte:

AL CHRISTOFFERSEN É UM HOMEM LOUCO

O outdoor gerou uma ligeira comoção local e até recebi uma ligação de um advogado ameaçando me processar, em nome de seu cliente, com quem eu compartilhava o mesmo nome. Depois de três semanas, fiz algumas mudanças no cartaz. E ele passou a ser:

AL CHRISTOFFERSEN É UM HOMEM DE PROPAGANDA (Ligue para obter consultoria promocional)

A campanha me rendeu outro Addy e trouxe três grandes clientes. Se eu achava que era explorado por meu empregador, não tinha ideia do que era trabalhar por conta própria. Passava o dia todo prospectando e tendo reuniões com clientes, e a maior parte das noites produzindo o trabalho. Várias vezes por semana McKale levava o jantar ao escritório. Nós nos sentávamos no chão da minha sala, comíamos comida chinesa e ficávamos sabendo como havia sido o dia um do outro.

À medida que minha agência cresceu, ficou claro que eu precisava de ajuda. Um dia, a ajuda entrou pela porta. Kyle Craig, um homem com dois primeiros nomes, era ex-representante de uma emissora local de televisão. Eu havia comprado tempo de transmissão em sua estação e ele vinha seguindo a escalada meteórica da minha agência. Ele me fez uma oferta: por um salário e 15% da companhia, ele assumiria as relações com clientes e a compra de mídia, para que eu pudesse focar no marketing e na criação. Era exatamente o que eu precisava.

Kyle se vestia bem, era ambicioso e encantador: um vendedor consumado. Era o tipo de cara que conseguia convencer uma freira a entrar para o clube do charuto.

McKale não gostou muito de Kyle. Não confiava nele. Ela me disse que na primeira vez que eles se conheceram, ele flertara com ela. Eu dei de ombros.

— É o jeito dele — eu disse. — Ele é inofensivo. — A verdade era que eu gostava de Kyle. Nós éramos dois caras malandros na propaganda — garotos jovens, de boa lábia, que trabalhavam duro e se divertiam fazendo isso. Naquela época, havia muita diversão.

Uma dessas vezes foi quando executivos do Comitê Municipal nos pediram para preparar uma proposta promocional para a feira municipal, nada badalada, que eles faziam. No ano anterior houve um tiroteio de ganges na feira e a frequência caiu vertiginosamente. Eles previam que esse ano

seria ainda pior. O diretor de serviços ouviu falar que nós éramos bons e nos convidou para fazer uma proposta para a conta deles. Criei uma campanha hilária com vacas falantes. (Isso foi antes da campanha Vaca Feliz, da Associação de Queijos da Califórnia. Pode-se dizer que eu estava ligado nas vacas falantes antes que elas virassem moda.)

Nem Kyle nem eu conhecíamos as pessoas para quem íamos apresentar a proposta, então, para quebrar o gelo, achei que seria divertido apresentar uma campanha com outdoor de brincadeira, tipo um trote. No histórico de ideias ruins, isso foi o equivalente a um balde de água fria. Esqueci de levar em conta que burocratas não têm senso de humor.

A temperatura caiu alguns graus quando a comitiva da feira entrou em nosso escritório. Eles eram três, rígidos e sombrios — tão retesados que parecia que suas cabeças começariam a girar.

Eu não sabia seus nomes, portanto criei apelidos para cada um deles: Cara do Chapéu, Moça Beata e Capitão Cós Alto. Eles se sentaram à mesa de reuniões e me olhavam com expectativa. Já fui a enterros menos solenes. Insensatamente, mantive meu plano e apresentei meu primeiro cartaz:

**Venha à feira
A GANGUE toda estará aqui**

Eles olharam o cartaz, com absoluta descrença.

— Gangue... — disse a Beata, com a voz fina.

— Aqui está o próximo — eu disse. Os olhos de Kyle estavam quase pulando das órbitas.

**Mostre SUAS CORES VERDADEIRAS
Vá à feira municipal**

Por um momento ninguém falou, depois o Cara do Chapéu disse:

— Cores, como em cores de gangue?

Sem responder, mostrei a ele o próximo slide.

**Tenha uma diversão DE MATAR
Na feira municipal**

Suas três bocas de truta simultaneamente se abriram e a Moça Beata respirou fundo. O Capitão Cós Alto olhou para baixo, por um momento, e ajustou os óculos.

— Acho que viemos ao lugar errado.

Kyle pulou, ficando de pé. — Ei, nós só estamos dando uma cutucada — disse ele. — Um pouquinho de diversão.

— Isso mesmo — eu disse. — Só achei que podíamos deixar as coisas mais leves com uma pitadinha de humor.

O Capitão Cós Alto olhou para Kyle friamente, como um oficial da imigração. — Essa é sua ideia de humor?

Kyle apontou para mim. — Na verdade, é ideia dele.

— Não acho muito divertido — disse a Moça Beata, levantando. — Eles juntaram suas coisas e saíram da sala, deixando Kyle e eu perplexos.

— Isso foi bom — disse Kyle.

— Acha que eles vão voltar? — perguntei.

— Não.

— É, nem eu — falei.

— Um monte de amantes de vaca — disse Kyle. — Espero que os bandidos façam um grande tiroteio na feira de suínos deste ano.

(Nota: a agência que eles acabaram contratando produziu a campanha mais tediosa que já vi na vida, o que combinou bem com eles: uma campanha com duas galinhas velhas tomando chá gelado e falando sobre os velhos tempos, quando a feira chegava à cidade.)